

Possibilidades para pensar o ensino das artes visuais em escolas rurais a partir da memória docente

Angélica D'Avila Tasquetto

Ayrton Dutra Corrêa

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Trabalhar com memória significa, entre outras coisas, trazer a tona informações e vivências armazenadas durante nossa vida. Portanto, o presente artigo que está vinculado à pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, na Linha de Pesquisa Educação e Artes propõe neste momento, trazer algumas questões que possam tecer discussões acerca do trabalho pedagógico de uma docente de artes visuais de escola rural do município de Santa Maria/RS transitando por suas memórias a fim de trazer possíveis momentos de problematizações sobre como os docentes de artes visuais podem trabalhar com a visualidade rural no espaço pedagógico.

Palavras-chave: memória docente, artes visuais, escolas rurais

Abstract

Working with memory means, among other things, bringing forth information and experiences stored in our life. Therefore, this article that is linked to the research of Masters held at the Graduate Program in Education of UFSM in Line Research Education and Arts is now proposing to bring some issues that can make discussions about pedagogical work of a teacher of visual arts in rural school in the municipality of Santa Maria / RS downtown through his memories in order to bring moments of possible problems on the faculty of visual arts can work with the visual space in rural education.

Keywords: memory lecturer, visual arts, rural schools

Sobre a memoria

La historia como devenir y como presente de esperanza o incertidumbre, como pasado que nos enseña sobre lo que somos, como proyecto de futuro (de equidad, mayor justicia, de emancipación, en suma) sigue estando ahí para ser construida. Se mueve entre el relato y la experiencia, entre la investigación y la narración. Como líneas rectas, o desde los fragmentos y los residuos. Explorando lo conocido, o buscando elementos, evidencias que hablen de otra manera, que cuenten la historia de otra manera (HERNÁNDEZ, 2004, p. 24)

Iniciamos com Hernández, onde destacamos que conhecer a memória docente é, num sentido maior, entender seu processo de atuação e seu papel diante de situações de mediação na educação. Pensando nessa questão de se perceber a memória docente, apresentamos esta proposta de artigo, a qual

sugere algumas discussões a serem realizadas sobre esse “transitar” pelos relatos de memória docente, como um meio de reflexão sobre tais memórias enquanto professores de artes visuais deste espaço rural, e como tais docentes podem vir a manipular a visualidade de tal contexto em sua prática pedagógica.

Esta é uma pesquisa que traz como mote algumas discussões relativas às memórias de uma professora de artes visuais de escola rural do município de Santa Maria/RS, procurando estabelecer a importância de se pesquisar tal tema para a área do ensino das artes visuais, no sentido em que se pensa na memória como geradora de possibilidades, onde se analisa os fatos passados, para uma construção futura. O escopo da pesquisa envolve 5 professoras colaboradoras, no entanto, como o estudo está em andamento, para este momento pontual a discussão se dá a partir de uma das entrevistas realizadas. Propomos, portanto, tecer algumas discussões acerca de compreender e analisar, a relevância da memória de docentes de artes visuais, enquanto profissional atuante no espaço rural, e como estas memórias podem estar presentes no seu processo pedagógico de ensino das artes visuais. Destarte, pensamos a respeito da memória que

no fundo, pensando bem, o homem comum do início do século XXI, rico ou pobre, muitas vezes andando solitário e preocupado pelas ruas, não faz nada de muito diferente. Sem suas memórias, não seria ninguém; e sem chamá-las, evocá-las e misturá-las ou falsificá-las, não poderia viver. (IZQUIÉRDO, 2002, p. 92)

Conforme o elucidado por Izquierdo, iniciaremos falando que estudar a memória pode nos imbricar num levantamento de uma série de informações, as quais foram armazenadas durante toda a nossa vida. Tais fatos podem ser direcionados ao nosso modo de agir socialmente, nosso modo de ver e de pensar. A memória é única e pertence individualmente a cada um de nós. Sabemos que somos constituintes de uma sociedade e que vivemos cercados e nos inter-relacionando diariamente com pessoas, mas nossas interpretações e percepções sobre o cotidiano se constroem distintamente em cada um. Assim, ao revisitar suas memórias, procura-se que os professores, possam vir

a refletir sobre suas vivências enquanto docentes de escolas rurais e o quanto isso pode vir a ser significativo durante o seu trabalho diário.

Por isso, no referido trabalho, pretendemos tecer algumas discussões no que dizem respeito às memórias de uma docente de artes visuais de escola rural do município de Santa Maria, numa tentativa de problematizar como os docentes de artes visuais de maneira geral trabalham com a visualidade rural no seu cotidiano escolar. De tal forma, acreditamos ser pertinente abordar como a memória pode ser discutida no campo da docência.

Sobre a memória docente

A questão da memória no campo da docência pode ser entendida como algo que possa tecer relações, compreender e significar o pensamento de imagens e idéias criadas em relação ao cotidiano.

Desta forma, acreditamos que os docentes possam vir a discutir sobre o que este espaço rural diz de si e podendo vir assim, a perceber de forma mais reflexiva o ambiente em que vivem, ou que trabalham. Tal espaço rural constitui-se de elementos visuais e de conceitos, os quais podem ser articulados de forma a dar novo caráter ao seu trabalho diário no campo das artes visuais. Refletindo sobre tais considerações, propusemo-nos a pensar sobre a memória docente nesse cotidiano rural e como esta pode se presentificar no trabalho diário do docente de artes visuais. Pensar sobre o cotidiano e a vida docente propõe um significado maior de compreensão e entendimento de suas atitudes diárias, no contexto pedagógico. Trazemos assim, uma questão colocada por Mosquera e Stobäus (2001, p.93), a qual consideramos pertinente para a discussão: “que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar?”

Com a questão colocada, suscitamos vários outros questionamentos sobre como o docente atua em seu cotidiano? Como esse docente pára para perceber as coisas que o cercam? E como as percebe? Acreditar nesse olhar para o cotidiano, como possibilidade para as práticas pedagógicas docentes

como, meio de refletir sobre como a educação pode se valer das questões de percepção diária para um trabalho diferenciado.

Para isso, se faz necessário que o docente, se “liberte” de suas formas tradicionais de atuar, se desfaça de suas certezas absolutas, e comece a pensar em novas possibilidades, percebendo as sutilezas que o seu cotidiano pode trazer, aproveitando-se delas para um entrelaçamento com suas práticas pedagógicas, para que estas se tornem mais significativas, tanto na vida do docente, quanto do educando. E neste sentido de olhar e ser olhado, o educador pode vir a trazer uma questão que poderá ser pertinente para seu trabalho pedagógico: o que este espaço a qual pertença diz de mim enquanto educador de artes visuais? Trabalhamos sob a perspectiva de poder perceber através dos enlaces das memórias, as práticas pedagógicas docentes, propondo um revisitar tais memórias, buscando uma reflexão sobre seus contextos rurais, bem como uma significação da visualidade presente em tal contexto. Por isso, compreender o foco inicial dessas trajetórias enquanto docentes de escolas rurais promove inúmeros aprendizados, no que se refere à sua vida e suas interações cotidianas. “A importância de trabalhar histórias de vida com professores, é que isto permite ao professor refletir sobre os cruzamentos de fronteiras que eles mesmos atravessaram” (GOODSON, 2007, p. 58). Percebemos, assim, como se torna relevante transitar por estes entrecruzamentos da memória docente, permitindo um espaço de escuta e de diálogo de suas narrativas pessoais enquanto docentes de escolas rurais.

Portanto, acreditamos na relevância das reflexões sobre todas as questões que permeiam o campo da educação, e para tal, acreditamos na importância de um enfoque, o qual aborde algumas questões pertinentes para este trabalho sobre a questão do ensino rural.

Algumas discussões sobre o ensino rural

O trabalho proposto se detém em pensar em algumas questões que envolvem a educação no campo, a fim de problematizar o mote da pesquisa, o qual se propõe a discutir como pode se configurar a memória docente no seu

trabalho pedagógico no contexto rural. Parece um consenso, que as instituições escolares rurais, necessitam de um repensar sobre seus propósitos e seus métodos, frente à educação contemporânea. Entendemos desta forma, uma qualificação tanto dos educadores, quanto dos educandos, para que possam interagir de forma reflexiva nesse processo acelerado de transformação de mundo, pois segundo Hall (2000, p. 69)

a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância.

Por outro lado, nesse farfalhar de mudanças, acredita-se na perspectiva de reflexão sobre o contexto rural em que vivem, respeitando valores que lhes são específicos, por tratar-se de um grupo social que apresenta características próprias. Percebemos assim, que são muitas as dificuldades das escolas rurais para que possam tomar decisões as quais direcionem as práticas pedagógicas ao encontro das necessidades e peculiaridades desse ambiente social ao qual pertencem, e ainda atentando para as transformações do mundo global.

Assim, consideramos que é necessário perceber qual a educação está sendo oferecida ao meio rural e qual a concepção dessa educação. Ter isso claro contribuiria para a reflexão dessa proposta de interlocução entre o que se ensina e o contexto de vida no campo. A educação no campo precisa ser uma educação no sentido amplo de formação humana, a fim de problematizar as discussões sobre o que se fala hoje a respeito do campo, pois não fala-se somente da enxada, fala-se da tecnologia, onde o propósito é conceber uma educação do campo voltada aos interesses de quem vive e trabalha no campo, atendendo suas diferenças históricas e culturais.

Percebemos assim, que a educação no campo pode trazer situações as quais conduzam a uma constante reflexão sobre as relações sociais estabelecidas na comunidade rural. Neste sentido, a escola poderá, adquirir novos contornos, que implicam em antes conhecer para dinamizar com os

aspectos da vida no campo. A partir disso, pensamos que o educador do meio rural, possa participar dessa compreensão crítica de mundo a qual propomos, sempre atento às necessidades do ambiente escolar ao qual está inserido. Assim retomaremos uma fala do Professor Fernando Hernández durante o 21º Seminário de Arte e Educação realizado pela Fundarte em Montenegro/RS, o qual falava que certamente não mudaremos a configuração do ensino no Brasil, se pensarmos em um “macro”, mas com certeza, faremos grande diferença, no momento em que partirmos do “micro”.

De tal forma, abordaremos neste momento, algumas das discussões propostas para este trabalho, onde pensamos na memória docente como produtora de questionamentos, apontando possíveis diálogos entre a vida no campo e o ensino das artes visuais.

A memória docente como propulsora para pensar o ensino das artes visuais no contexto rural

Neste momento, apresentamos a problematização do trabalho, que se dá no sentido de discutir sobre a experiência de uma professora de artes visuais de uma escola do campo, situada no interior do município de Santa Maria/RS. Utilizamos-nos da entrevista narrativa para que a professora nos contasse sua experiência. A professora entrevistada¹, Mirian da Silveira² trabalha na Escola Municipal Bernardino Fernandes, no distrito de Pains³ desde 1996 e traz consigo uma vasta experiência, no que se refere ao ensino das artes visuais em escola rural.

Enunciamos que não temos a pretensão de pensar que possamos modificar qualquer prática, mas sim de propor um momento de escuta, onde se possa perpassar por momentos importantes de sua trajetória como docente no campo. Desta forma, Mirian nos concede a entrevista em uma sala da escola onde trabalha, para isso, interrompe suas atividades cotidianas e começa um relato minucioso e emocionado de sua experiência. Desta forma, trazemos Bauer e Gaskell (2002, p. 91) quando dizem que

através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Assim, percebemos que a narrativa expressa esse momento de escuta o qual buscamos, de tal forma, a entrevista começa com uma questão que incita à professora a contar-nos sobre sua experiência, pedimos que nos relate sobre todo o início de sua trajetória enquanto docente de escola rural. Prontamente começa a falar. Nos diz que sua experiência começa em 1996 em uma outra escola rural, que não a que trabalha hoje em dia, mas ressalta que seu trabalho no campo trazem consigo 13 anos de história. História esta, que se faz presente em vários momentos de sua trajetória de vida, tal como elucida Habwachs (2006, p. 57)

em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós tem uma história.

Percebemos assim, que constituímos nosso ato de recordar, através de estímulos do presente e por meio desse movimento constante que se converge em passado e futuro. Desta forma, ao continuar sua fala, a professora faz idas e vindas nesse passado-presente, trazendo consigo, algumas idéias e possibilidades futuras. Neste sentido, acreditamos que esse revisitar memórias possa servir como problematizador de pensamentos que reflitam sobre suas atividades enquanto docentes de artes visuais no ensino rural. Dialogamos assim com Hernández (2004, p. 12) quando fala que

la historia de una carrera docente es una historia de altibajos que se manifiesta en momentos de satisfacción, compromiso y competencia. Conocer una trayectoria profesional permite situar y conectar con el docente, no sólo desde su presente sino en la perspectiva de su recorrido profesional. Algo especialmente necesario en tiempos de reajustes y reestructuraciones profesionales.

No seguimento da entrevista, enquanto a professora narra e relata fatos de sua experiência, ouvimos atentamente sua fala, pois consideramos de total importância este momento de escuta, onde Goodson (1999, p.71) enfatiza que

“ouvir a voz do professor devia ensinar-nos que o autobiográfico, ‘a vida’, é de grande interesse quando os professores falam do seu trabalho.” Assim, durante esta escuta, a professora logo começa a falar sobre suas experiências práticas na escola, sem ao menos termos inserido o assunto. Essa atitude, no entanto, nos revela essa necessidade que os educadores têm de falar, contar e expressar sobre seu cotidiano e sua vida escolar. Mais uma vez, nos pusemos atentamente a ouvir a narrativa dessa professora, que, com tanto entusiasmo nos contava sobre sua vida como professora de artes visuais do espaço rural; “eu procuro trabalhar a educação artística sem repetir os conteúdos, dando temas diferenciados, conforme aquilo que está acontecendo no mundo. Acho que faço a diferença” (Mirian). Percebemos assim, a preocupação da professora em transitar pelos assuntos que também estão presentes no contexto mundial, os quais também fazem parte do cotidiano dos educandos de escolas rurais.

Fazendo estas ligações, a docente começa a falar dos trabalhos que realiza tentando aproveitar essa “visualidade” que o espaço rural pode oferecer. Conta que para a realização de tais trabalhos utiliza-se das experiências dos educandos enquanto moradores desse espaço e que, além disso, se utiliza de materiais, os quais tenham acesso e facilidade para encontrar onde vivem. Nos conta também que procura traçar relações com o cotidiano e procura fazer com que pensem e reflitam sobre a realização dos trabalhos na disciplina de artes visuais, como possibilidade de utilização desses materiais tão presentes em seu cotidiano.

Desta forma, entendemos que pensar em propostas de educação rural, hoje, não é pensar articulações pedagógicas fechadas, e sim, pensar num conjunto de transformações cotidianas as quais passamos nesse momento histórico, numa tentativa de projetar a escola rural a um espaço de reflexão e problematização sobre seu cotidiano e suas vivências. Para tanto, dialogamos com Heller (*apud* TEDESCO, 2004, p. 42), ao mencionar que estudar e pensar sobre o cotidiano que vivemos, permite

uma grande possibilidade de recuperar outras experiências, o mundo de experiências comuns e subjetividades; de problematizar e criticizar o próprio vividos e concebido cotidiano temporal, os valores sociais cristalizados, a institucionalização cultural e histórica; de recuperar

resistências, figuras ocultas, diferentes dimensões da experiência, indo além dos dualismos, fragmentações e formas de dominações tradicionais.

Trabalhando no sentido de que a educação possibilita uma reflexão sobre nossos valores, atitudes, conhecimentos e vida cotidiana, buscamos então, abordar a questão da educação no meio rural, para que possa conceber alternativas de percepção ao que se refere à vida no campo, e este, mais do que um perímetro não-urbano é um espaço gerador de possibilidades singulares para quem vive neste contexto. O trabalho, enquanto educadora de escola rural, é neste sentido, para a professora Mirian, uma situação de aprendizado, onde, além de pensar nas possibilidades que essa “visualidade” oferece, pode tecer algumas conexões com a outra escola onde atua como professora de artes visuais, esta, situada no espaço urbano.

Sua narrativa, neste momento indicava que começaria a fazer possíveis relações com seu “outro” cotidiano. Então, deixando-a falar e ouvindo atentamente cada palavra dada, percebemos que essa conexão que estabelece entre o rural e o urbano é bastante forte, nos diz que não faz diferenciação entre uma escola e outra, mas não nega suas diferenças. Diferenças estas que podem ser desde o acesso a materiais, quanto suas relações com as imagens que se apresentam de forma diferentes em espaços também diferentes como o rural e o urbano. Mirian diz que “não é porque a criança é lá de fora que ela não sabe comentar o que viu na televisão, então procuro mostrar a arte nessa outra relação, procurei em alguns momentos trabalhar o dia a dia deles com a fotografia por exemplo”.

Essa possibilidade de relações entre o ensino rural e o urbano traz à tona sua forma de atuar enquanto docente de artes visuais, que se preocupa em trazer questões pertinentes e interessantes relativas ao cotidiano dos educandos, sejam eles de escolas do campo ou urbanas. Essa tomada de consciência sobre sua própria prática torna o docente reflexivo quanto ao seu fazer cotidiano. E sobre tal atividade consciente, nos utilizamos como suporte a fim de pensar as situações da trajetória docente. Ao pensarmos sobre essa trajetória, nos remetemos à memória dessa professora, suas inquietações e

todos estes sentidos que permeiam suas atividades pedagógicas. Entender o processo de atuação destes profissionais significa entre outras coisas, reconhecer sua trajetória e suas memórias, a fim de possibilitar um entendimento sobre os aspectos dinamizadores de suas representações enquanto educadores. Pois Segundo Arroyo (2002, p.124)

aprendemos o mestre que somos na escola, mas onde? Nos livros, nos manuais? Através de lições, discursos e conselhos? Aprendemos convivendo, experimentando, sentindo e padecendo a com-vivência desse ofício.

Estes questionamentos que Arroyo nos propõem, vem diretamente ao encontro dessa experiência narrada pela professora Mirian, atuante de artes visuais no ensino rural. Tais contribuições nos levam a perceber que para entendemos a docência enquanto um caminho sendo trilhado diariamente nas relações e construções cotidianas, devemos revê-la e repensá-la constantemente a fim de problematizar nossas certezas absolutas, certezas estas, as quais menciona Arroyo (2002, p. 171)

certezas múltiplas protegem nossas tranqüilidades profissionais. Vêm do cotidiano. Dão a segurança necessária para repetir ano após ano nosso papel. São os deuses que protegem a escola e nos protegem... São certezas que não se discutem, tão ocultas no mais íntimo de cada mestre.

Desta forma, problematizar tais certezas nem tão certas vem como um dos pontos de interesse desta discussão, a fim de que os professores de artes visuais possam pensar na sua memória enquanto docentes de escolas rurais, e dar-se conta desse contexto e sua visualidade. As certezas criadas pela profissão docente, muitas vezes, não nos permitem ver para além daquilo que já havíamos pré estabelecido como certo e correto. Acreditar em tais mudanças de pensamento propõe mexer em crenças, imagens formadas, concepções ultrapassadas e, principalmente, seguranças falsas de um saber rígido e arraigado nessa cultura docente. Arroyo (2002, p. 173), nos propõe a pensar nisso quando enfatiza que

estimular propostas inovadoras que provoquem esse movimento desestabilizador, aprender a trabalhar em coordenadas inseguras, a ter de tomar opções diante de seguranças truncadas, abandonar

velhas certezas...é provocar um movimento formador para os próprios mestres

Destarte, a problematização deste trabalho se dá no sentido de alvitrar algumas discussões sobre as memórias de educadores rurais do município de Santa Maria/RS, a fim de aportar uma reflexão sobre seu cotidiano neste contexto rural, pensando no quanto esta reflexão sobre estas visualidades presentes possam participar no processo de construção do conhecimento na disciplina de artes visuais

Com estas discussões, propomos uma tentativa de trabalho conjunto, onde possamos dialogar com estes educadores, a fim de propor inquietações e reflexões sobre sua trajetória e seu cotidiano no campo. Pensamos nesse momento, onde possam escapar um pouco de sua rotina diária de trabalho e dar-se um tempo para revisitar suas memórias pensando como estas vivências podem contribuir para refletir sobre suas posturas enquanto educadores das artes visuais.

¹ Entrevista concedida à autora, no dia 18/03/09, relativa à pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação da UFSM na Linha de Pesquisa Educação e Artes.

² O nome da docente que concedeu entrevista foi mantido na forma original, sem alterações, sendo permitida a apresentação em tal formato com documento legal assinado pela professora.

³ O município de Santa Maria/ RS é dividido em 8 zonas rurais, denominadas distritos e uma zona urbana, sendo que um destes distritos é Pains, onde localiza-se a escola em que a professora entrevistada atua.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, Martin W.; GASKEL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOODSON, Ivor. Dar a Voz ao Professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. Porto: Porto Editora, 1999, p. 63-78.

GOODSON, Ivor F. Entre-Vistas. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (orgs.) **Coleção Desenrêdos: políticas do conhecimento: vida e trabalho docente entre saberes e instituições.** Goiânia, p.49-92, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HALL. Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DPeA, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. Las Historias de Vida como Estrategia de Visibilización y Generación de Saber Pedagógico. In: GOODSON, Ivor. **Historias de vida del Profesorado.** Barcelona: Octaedro, 2004.p.9-26.

HERNÁNDEZ, Fernando. **El lugar de las posiciones Críticas en la Educación de las Artes y la Cultura Visual.** In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO (21: 2008: Montenegro, RS). Anais do 21º Seminário Nacional de Arte e Educação: a compreensão da arte: desafios e possibilidades./ Maria Isabel Petry Kehrwald, Júlia Hummes (Org) Montenegro: Ed. da FUNDARTE, 2008, p. 77- 103 CD ROM.

IZQUIÉRDO, Ivan. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

MOSQUERA, J. J.M; STOBÄUS, C.D. O Professor, personalidade Saudável e Relações Interpessoais. In: ENRICONE, Délcia. **Ser Professor.** Porto Alegre: EdiPUCRS, 2001, p. 91-109. 141p.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória:** temporalidade, experiência e narração. Passo fundo: UPF, 2004.

Currículo resumido:

Angélica D'Avila Tasquetto - Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica (UFSM/RS); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Educação e Artes (PPGE/UFSM). Membro do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura e membro do EDUART – Grupo de Estudos em Educação e Arte.

Ayrton Dutra Corrêa: Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil(1997). Pós - doutor em Arte/Educação pela ECA/ USP (2004). Professor Associado 2 da Universidade Federal de Santa Maria/ RS.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação – Linha de Educação e Artes e Pós Graduação em Artes Visuais – UFSM. Líder do EDUART.